VESTIBULARES e CONCURSOS ORTOGRAFIA

EDICASE digital

Ortografia

e VESTIBULARES CONCURSOS

ATUALIZADO COM A REFORMA ORTOGRÁFICA

TEMAS QUE MAIS CAEM NOS EXAMES!

- Ortografia
- O Alfabeto
- A Letra H
- Sequências Consonânticas
- Vogais Átonas
- Vogais Nasais
- Prefixos
- Minúsculas e Maiúsculas
- Revisão: Divisão Silábica
- Homônimos e Parônimos
- EXERCÍCIOS

ORTOGRAFIA

EdiCase
Gestão de Negócios

Direção Geral
Joaquim Carqueijó

Gestão de Canais Impressos
Vanusa Batista e Wellington Oliveira

Gestão de Canais Digitais
Clausilene Lima e Sergio Laranjeira

Gestão Administrativa Financeira
Elisiane Freitas e Vanessa Pereira

Distribuição Nacional em Bancas, Livrarias, Supermercados e Varejo







Publisher
Joaquim Carqueijó

Coordenação de P.C.P.
Vanusa Batista

Direção de Arte
Tami Oliveira | be.net/tamioliveira

Design
Julio Cesar Prava | be.net/juliocesarprava
Lais Magalhães | be.net/laismagalhaes8

Vestibulares e Concursos Ed.09
7.908.182.019.007

Chefe de Redação
Matilde Freitas (MTB 67769/SP)

Redação
Laleska Diniz

Atendimento ao Leitor
Redação
atendimento@caseeditorial.com.br

Edições Anteriores
loja.caseeditorial.com.br

Vendas no Atacado
(11) 3772-4303 - ramal 209
vanusa@edicase.com.br

SIGA A GENTE NAS REDES SOCIAIS!

/edicasepublicacoes /edicasepublicacoes
/edicasepublicacoes /edicasepublic

ACESSE NOSSA LOJA EM



Editora Filiada



Membro Colaborador



SOBRE O MESTRE

AUTOR DE DIVERSOS LIVROS, COM MILHARES DE EXEMPLARES VENDIDOS, ADEMIR BARBOSA JÚNIOR (PROF. DERMES) LECIONA LÍNGUA PORTUGUESA, REDAÇÃO E LITERATURA DESDE 1991, COM EXPERIÊNCIA DO ENSINO FUNDAMENTAL À PÓS-GRADUAÇÃO, TENDO PARTICIPADO DE BANCAS DE VESTIBULARES, PROCESSOS SELETIVOS E AVALIAÇÕES DIAGNÓSTICAS. INTEGROU DIVERSOS PROJETOS E PRESTOU ASSESSORIA NA CRIAÇÃO DE DISCIPLINAS ACADÊMICAS, EM NÍVEL UNIVERSITÁRIO. MESTRE EM LITERATURA BRASILEIRA PELA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP), BACHAREL EM FRANCÊS/PORTUGUÊS, É PROFESSOR UNIVERSITÁRIO, TRADUTOR, REVISOR E TERAPEUTA HOLÍSTICO.
CONTATOS: prof.dermes@yahoo.com.br;
Orkut: Dermes; Twittwer: @ProfDermes

ÍNDICE

1. ORTOGRAFIA

Em linhas gerais, a ortografia corresponde à escrita oficial da Língua. Naturalmente, há múltiplas variações.

O tema anda em voga em especial no momento de adaptação à chamada Reforma Ortográfica da Língua Portuguesa, cujo período de adaptação vai expirar em 2012.

Sem a pretensão de esgotar tão vasto assunto, apresentam-se abaixo algumas das regras que talvez causem mais dúvidas ao leitor. Nesse contexto, alguns dos exemplos talvez se refiram mais ao Português lusitano que ao brasileiro.

2. O ALFABETO

O alfabeto da Língua Portuguesa é composto de vinte e seis letras:

LETRA	NOME	LETRA	NOME
A a	a	N n	ene
B b	bê	O o	ó
C c	cê	P p	pê
D d	dê	Q q	quê
E e	e	R r	erre
F f	efe	S s	esse
G g	gê	T t	tê
H h	agá	U u	u
I i	i	V v	vê
J j	jota	W w	dáblio
K k	cá	X x	xis
L l	ele	Y y	ípsilon
M m	eme	Z z	zê

1. Usam-se ainda o ç e os dígrafos *rr, ss, ch, lh, nh, gu* e *qu*.

Exemplos:

praça	pra-ça
terra	ter-ra
assar	as-sar
achar	a-char
alho	a-lho
ganhar	ga-nhar
guerra	guer-ra
queijo	quei-jo

2. As letras acima, além dos nomes apresentados, possuem também outros

Exemplos
Na Bahia, a letra *F* é conhecida como "fê".

3. As letras *k, y* e *w* são empregadas em antropônimos (em especial, os provenientes de outras línguas) e seus derivados.

Exemplos:

Kant	kantismo
Byron	byronismo
Darwin	darwinismo

4. As letras *k, y* e *w* são utilizadas em topônimos (em especial, os provenientes de outras línguas) e seus derivados.

Exemplos:

Kwait	kwaitiano
Malawi	malawiano

5. Usam-se o *k, y* e *w* em siglas, símbolos e palavras que designem unidades de medidas internacionalmente utilizadas.

Exemplos:

K	potássio
Km	quilômetro
Yd	jarda
W	oeste

6. Mantêm-se em vocábulos derivados de nomes próprios estrangeiros as formas originais, já consagradas pelo uso.

Exemplos:

Comtista	de Comte
Garrettiano	de Garrett
Shakespeariano	de Shakespeare

7. Os dígrafos finais de origem hebraica *ch*, *ph* e *th* podem permanecer ou ser alterados. Quando mudos, invariavelmente caem. Alguns, por força de uso, podem ser substituídos por vogais.

Exemplos:

Baruch	ou	Baruc
Loth	ou	Lot
Nazaré	em vez de	Nazareth
José	em vez de	Joseph
Judite	em vez de	Judith

8. As consoantes finais *b*, *c*, *d*, *g* e *h* mantêm-se, sejam elas mudas ou pronunciadas, nas formas onomásticas já consagradas pelo uso. Contudo, podem também ser utilizadas as vogais finais.

Exemplos:

David	Davi
Jacob	Jacó
Job	Jó

Mantêm-se, ainda, as seguintes formas:
Cid (*d* final pronunciado)
Madrid (*d* final ora pronunciado, ora não)
Valhadolid (*d* final ora pronunciado, ora não)
Calecut (*t* final ora pronunciado, ora não)
Calicut (*t* final ora pronunciado, ora não)

9. Os topônimos, em especial os oriundos de outros idiomas, geralmente são substituídos por formas vernáculas.

Exemplos:

Milão	em vez de	Milano
Turim	em vez de	Torino
Zurique	em vez de	Zurich

3. A LETRA H

1. O *h* inicial é empregado por razões etimológicas.

Exemplos:
haver
hera
hoje
homem
humor

2. Emprega-se, ainda, o *h* inicial por adoção convencional.

Exemplos:
Hã?
Hein?
Hem
Hum...

5. Mantém-se o *h* inicial quando, em palavra composta, aparece num elemento que se liga ao anterior por meio do hífen.

Exemplos:
pré-história
sobre humano

6. O *h* final é utilizado em interjeições, conhecidas também como exemplos de frases nominais.

Exemplos:
Ah!
Oh!

3. O *h* inicial é eliminado quando, a despeito da etimologia, o uso já consagrou a supressão.

Exemplos:
erva
ervaçal
ervanário
ervoso

Observe:
herbáceo
herbanário
herboso

4. O *h* inicial é, ainda, suprimido quando, em processo de composição, passa para o interior do vocábulo, e o elemento em que aparece se aglutina ao anterior.

Exemplos:

desarmonia	harmonia
desumano	humano
inábil	hábil
lobisomem	homem
reaver	haver
reabilitar	habilitar

4. HOMOFONIA DE GRAFEMAS CONSONÂNTICOS

Conhecer a etimologia, bem como os cognatos de uma palavra, facilita muito a compreensão das escolhas gráficas para representar sons idênticos ou semelhantes.

1. Distinção gráfica entre *ch* e *x*.

Exemplos:

achar	xaxado
achei	xereta
Chico	xisto
chope	Xoroquê
chulo	oxalá
chantagem	madeixa
machado	Orixá
chiste	Oxalá

2. Distinção gráfica entre g (fricativa palatal) e j.

Exemplos:

adágio	jiboia
algema	Jerônimo

gengiva jirau
gergelim pajé
Gibraltar jiquipanga

3. Distinção gráfica entre *s, ss, c, ç* e *x* (sibilantes surdas).

Exemplos:

ânsia	arremessar	pança
ascensão	acervo	peça
cansar	alicerce	auxílio
abadessa	cebola	próximo
acossar	muçulmano	sintaxe

4. Distinção entre *s* de final de sílaba (inicial ou interior) e *x* e *z* com idêntico valor fônico.

Exemplos:

adestrar	extraordinário
escusar	sextante
esgotar	infelizmente
extensão	velozmente

Observe:

Em final de sílaba que não seja final de palavra, o x com som de s, após i ou u, muda para *s*.
Exemplos:
justapor
misto
sistino

Apenas nos advérbios terminados em *mente* o *z* com som de *s* aparece em final de sílaba seguida de

Exemplos:

consoante	infelizmente
capazmente	velozmente

5. Distinção gráfica entre o *s* de final de palavra e *x* e *z* com idêntico valor fônico.

Exemplos:

anis	gás	Félix	dez
após	Jesus	fênix	diz
atrás	lápis	ônix	Galaaz
Brás	cálix	avestruz	Queluz

Observe:

Não se admite o *z* final com som de *s* em palavra não oxítona.

Exemplo:
Cádis

6. Distinção gráfica entre as letras interiores *s*, *x* e *z*, representando sibilantes sonoras.

Exemplos:

aceso	tisana	azar	helenizar
asa	sacerdotisa	azedo	lambuzar
asilo	exalar	búzio	Mouzinho
Baltasar	exemplo	deslize	proeza
Brasil	exibir	Ezequiel	urze
Meneses	inexato	guizo	Veneza

5. SEQUÊNCIAS CONSONÂNTICAS

O *c* com valor de oclusiva velar do conjuntos interiores *cc* (sendo o segundo *c* sibilante), *cç* e *ct* e o *p* das sequências interiores *pc* (sendo o *c* sibilante), *pç* e *pt* ora se mantém, ora se eliminam. Vejamos:

1. Conservam-se quando são pronunciados, conforme a Norma Culta de Linguagem.

Exemplos:

compacto	apto
convicção	erupção
convicto	eucalipto
friccionar	inepto
adepto	núpcias

2. Eliminam-se quando são mudos, conforme a Norma Culta de Linguagem.

Exemplos:

ação	direção
acionar	objeção
afetivo	adotar
ato	batizar
coleção	Egito
coletivo	ótimo

6. VOGAIS ÁTONAS

1. O emprego de *e*, *i*, *o* e *u* em sílabas átonas obedece a critérios etimológicos.

Exemplos:
ameaça
cardeal
Ceará
artilharia
cordial
crânio
borboleta
consoada
costume
água
assumir
tábua

2. Observem-se alguns casos específicos.

a) Uso do *e*.

aldeão (aldeia)
aldeota (aldeia)
areal (areia)
centeeiro (centeio)

b) Uso do *e*.

galeão
galeota
coreano
guineense

c) Uso do *i*.

acriano (Acre)
horaciano (Horácio)
italiano (Itália)
sofocliano (Sófocles)

d) Uso do *i*.

cúmio (cume)
hástia (hasta)
réstia (reste)

e) Verbos em *-ear (vide item* **12. SÍNTESE**)

alhear/alheio
cear/ceia
encadear/cadeia

f) Uso do *o*, e não do *u* em palavras de origem latina.

moto (próprio)
tribo

g) Verbos em *-oar*.

abençoo
abençoas
destoo
destoas

<u>Observe:</u>
acentuo
acentuas

7. VOGAIS NASAIS

1. A vogal nasal em fim de palavra ou de elemento seguido de hífen, se for *a*, representa-se a nasalidade por meio do til; por *m* se possuir outro timbre e terminar a palavra; por *n* se é de timbre diferente de *a* e é seguida de *s*.

Exemplos:
afã
lã
órfã
clarim
flautim
flautins
tom
tons

2. O *ã* dos vocábulos permanecem em advérbios em *-mente* formados a partir deles, bem como em derivados com sufixos iniciados por *z*.

Exemplos:
cristãmente
irmãmente
lãzudo
manhãzinha
romãzeira

8. PREFIXOS

Prefixos ou chamados falsos prefixos.

Mesmas vogais.
Usa-se hífen.

Exemplos:
anti-inflamatório
auto-organização
sobre-elevação

<u>Observe:</u>

Os prefixos *pre*, *pro* e *re* juntam-se ao segundo elemento mesmo que se iniciem com as vogais *e* e *o*.

Exemplos
coocupar
preenchimento
proeminente

Vogais diferentes.
Não se usa hífen.

Exemplos:
autoajuda
autoafirmação
contraindicação
semiárido

Consoantes iguais.
Usa-se hífen.

Exemplos:
inter-racial
inter-religioso
sub-brigadeiro

Quando o segundo elemento se inicia com *r* ou *s*.
Não há hífen, duplicando-se as consoantes *r* ou *s*.

Exemplos:
antirreligioso
minissaia
ultrassom

Observe:

Com os prefixos *hiper, inter* e *super*, usa-se o hífen.

Exemplos:

hiper-realista
inter-racial
super-resistente

Quando o segundo elemento se inicia com *m*, *n* e vogais ou *m*, *n* e *h*.
Usa-se o hífen quando o primeiro elemento, terminado em *m* ou *n*, unir-se ao segundo (consoanets *m, n, h*).

Exemplos:
circum-murado
circum-navegação
pan-americano
pan-hispânico

Com *ex, sota, soto, vice.*
Usa-se hífen.

Exemplos:
ex-amante
sota-piloto
soto-pôr
vice-rei

Quando o prefixo termina em vogal, *r* ou *b*, e o segundo elemento se inicia com *h*.
Usa-se hífen.

Exemplos:

anti-herói	bio-histórico
inter-hegemônico	super-homem
sub-humano	giga-hertz
anti-hemorrágico	geo-história

Observe:

No caso de grafias consagradas pelo uso, não se usa hífen.

Exemplos:
reidratar
inábil
reaver

Com a perda de som de vogal final do primeiro elemento, suprime-se o *h* do segundo e não se utiliza hífen.

Exemplo:
clorídrico (cloro + hídrico)

Sufixos de origem tupi.
Usa-se hífen quando a pronúncia exige distinção de elementos.

Exemplos:
andá-açu
Ceará-mirim

9. MINÚSCULAS E MAIÚSCULAS

Usa-se a inicial minúscula:

1. Em todos os vocábulos da língua (uso corrente).

Exemplos:

casa	repouso
cadeira	teste
mesa	verdade

2. Nos nomes dos dias, meses e estações do ano.

Exemplos:
segunda-feira
sexta-feira
janeiro
março
agosto
dezembro
primavera
verão
outono
inverno

3. Nos bibliônimos, apenas o primeiro termo exige inicial maiúscula; nos demais a inicial pode ser maiúscula ou minúscula, com exceção dos nomes próprios, quando deverá ser maiúscula.

Exemplos:

Capitães da areia	Capitães da Areia
Menino de engenho	Menino de Engenho

4. Nos casos de beltrano, fulano e sicrano.

Exemplos:
Este fulano está brincando comigo.
Não ouço opiniões nem de fulano nem de beltrano.

5. Nos pontos cardeais (com exceção das abreviaturas).

Exemplos:
norte
sul
leste

Observe:

N
S
W

6. Nos axiônimos (formas respeitosas, cerimoniosas) e hagiônimos (títulos de santos ou relativos a religiões; neste caso, poderá ser também maiúscula).

Exemplos:
senhor doutor Inácio de Oliveira
bacharel Henrique Duarte
cardeal (ou Cardeal) Luciano Rotta
santa (ou Santa) Edwiges

7. Nomes de disciplinas, cursos, áreas do saber, quando também se pode optar pela inicial maiúscula.

Exemplos:
português ou Português
matemática ou Matemática
letras vernáculas ou Letras Vernáculas

Usa-se a inicial minúscula:

1. Nos antropônimos (reais ou fictícios).

Exemplos:
Pedro Marques
Maria da Silva
Luís de Camões
Branca de Neve.
D. Quixote.

2. Nos topônimos (reais ou fictícios).

Exemplos:
Brasília
Luanda
Macau
Roma
Sítio dos Amores

3. Nos nomes de seres antropomorfizados e/ou mitológicos

Exemplos:
Hércules
Netuno

4. Nos nomes que designam instituições.

Exemplos:
Igreja Católica Apostólica Romana
Ministério da Educação
Sindicato dos Metalúrgicos

5. Nos nomes de festas e festividades.

Exemplos:
Natal
Páscoa
Dia do Perdão
Pentecostes

6. Nos títulos de periódicos expressos em itálico.

Exemplos:
Folha de São Paulo
O Estado de São Paulo
Correio Braziliense

7. Nos pontos cardeais ou equivalentes, quando empregados em sentido absoluto.

Exemplos:
Nordeste (brasileiro)
Norte (português)
Meio-Dia (sul da França)
Ocidente (europeu)
Oriente (asiático)

8. Em siglas, símbolos ou abreviaturas de âmbito nacional ou internacional, sendo as mediais e finais minúsculas ou maiúsculas.

Exemplos:
ONU
H_2o
Sr.

9. Em inícios de versos ou categorizações de logradouros publicados em palavras empregadas de forma reverente, áulica ou hierárquica. Nesse caso também se pode utilizar a inicial maiúscula.

Exemplos:
igreja ou Igreja do Bonfim
palácio ou Palácio da Liberdade
rua ou Rua dos Arvoredos

10. REVISÃO: DIVISÃO SILÁBICA

Observe:

1.

ablegação	ab-le-ga-ção
sublunar	sub-lu-nar
celebração	ce-le-bra-ção
duplicação	du-pli-ca-ção
decreto	de-cre-to
regrado	re-gra-do
nevrose	ne-vro-se

2.

abdicar	ab-di-car
absoluto	ab-so-lu-to
afta	af-ta
descer	des-cer
disciplina	dis-ci-pli-na
contexto	con-tex-to
excitar	ex-ci-tar
infelizmente	in-fe-liz-men-te

3.

eclipse	e-cli-pse
emblema	em-ble-ma
explicar	ex-pli-car
transgredir	trans-gre-dir
tungstênio	tungs-tê-nio

4.

airoso	ai-ro-so
cadeira	ca-dei-ra
oração	o-ra-ção
alaúde	a-la-ú-de
coordenar	co-or-de-nar
doer	do-er
caiais	cai-ais
ensaios	en-sai-os
fluiu	flu-iu

5.

negue	ne-gue
pequei	pe-quei
água	á-gua
ambíguo	am-bí-guo
quaisquer	quais-quer

O que é sílaba?

Sílaba é o conjunto de um ou mais fonemas pronunciado numa única emissão de voz (ou, como geralmente se diz, conforme numa única abertura de boca).
Em língua portuguesa, o núcleo de uma sílaba é sempre uma vogal.
Em virtude de variações de pronúncia (regionais, de faixa etária etc.), a divisão silábica poderá também variar.

11. EXERCÍCIOS

Separe as sílabas das palavras em negrito.

TEXTO I

"Se me lembro direito, 20 anos atrás era frequente participar de conversas animadas em que se discutia a questão seguinte: devemos ou não deixar nossos filhos e nossas filhas adolescentes dormir em casa com suas namoradas ou seus namorados?

Aparentemente, o partido do sim ganhou. Em geral, a razão que ele invocava (e ainda invoca) era a segurança: é melhor que minha filha esteja no seu **quarto** com o namorado do que em baladas perigosas ou, pior ainda, 'brincando' no carro numa rua deserta. Também contava o fato, comprovado, de que um namoro é quase sempre uma experiência mais rica e mais 'madura' do que a agitação das turminhas.

Naquelas conversas dos anos 80, eu ficava em cima do muro e torcia, de leve, pelo partido do não. Achava **problemático** que os adolescentes tivessem uma espécie de vida conjugal sem ter conquistado sua autonomia: para juntar-se com um parceiro ou uma parceira (a ponto de dormir na mesma cama com ele ou com ela a cada noite ou quase) seria melhor, primeiro, não precisar mais se definir como filho ou filha.

Continuo pensando que eu tinha um pouco de razão: prova disso, os inúmeros casamentos em que um dos membros do casal se queixa de que o outro continua sendo mais filho ou filha do que marido ou mulher.

Mais um detalhe. Frequentemente, a conjugalidade precoce e protegida de dois adolescentes na casa dos pais é uma caricatura da conjugalidade adulta menos interessante: consiste mais em assistir, na cama, a filmes alugados do que em sair juntos pelo mundo ou mesmo em praticar a arte difícil de se descobrir mutuamente.

Seja como for, o partido do sim ganhou sobretudo por uma razão que não se confunde com as justificações habitualmente propostas.

Acontece que, nas últimas décadas, pela frequência dos **divórcios**, a metade dos jovens viveram sua adolescência em companhia de apenas um de seus pais. E muitos desse jovens foram espectadores assíduos (e, às vezes, até confidentes) do folhetim das aventuras e dos namoros de sua mãe ou de seu pai.

E, claro, com que moral o pai ou a mãe divorciados **proibiriam** o filho ou a filha de levar seus amores para casa se eles mesmos não fazem diferente? Essa grande mudança na vida familiar teve dois efeitos significativos e, a bem dizer, positivos.

O primeiro é que os adultos começaram a levar mais a sério a vida amorosa de seus filhos adolescentes: as brincadeiras **condescendentes** (o detestável 'e aí, tem namorado?') acabaram ou quase.

O segundo efeito aparece agora, 20 anos depois: à força de **conviver** com os namoros, os namoricos e as decepções, em suma, com as alegrias e as tristezas das paixões de seus pais divorciados, os adolescentes abandonaram a ideia (frequente em minha geração) de que a vida amorosa e sexual dos adultos seria uma mesmice comportada – que, aliás, no caso dos pais, teria acabado de vez depois da troca mínima que foi necessária para que eles, os filhos, fossem concebidos.

Os adolescentes que tiveram essa experiência são agora jovens adultos, e seus pais são idosos. Apesar da valorização cultural do corpo jovem e sarado como se fosse o único desejável e capaz de desejar, é lógico que **esses** jovens adultos **estejam** dispostos a reconhecer que a terceira idade não corresponde a nenhuma aposentadoria do amor e do sexo, ou melhor ainda, que ela não corresponde a nenhuma 'maturidade' das paixões: os 'idosos' amam e desejam com o mesmo transporte e a mesma ingenuidade dos **adolescentes** (e, claro, dos ditos adultos).

De repente, hoje, não é ridículo ter 60 anos ou mais e propor um perfil num site de encontros amorosos na internet; não é ridículo, aos 60 ou mais, querer uma companhia para o resto da vida, um amor ou mesmo apenas uma transa.

O bonito filme de Laís Bodanzky, 'Chega de Saudade', que estreou na semana passada, nos leva para um baile. Há muitos assim, pelo país afora, em que homens e mulheres da terceira idade se procuram e dançam a cada semana.
Estamos aprendendo, aos poucos: a grandeza (e a **mesquinhez**) do amor e do desejo não têm estação.
Mas não é apenas por isso que o filme é tocante: é porque no baile, na pista de dança, o enlace do parceiro ou da parceira revela que estes corpos, que talvez tenham chegado mancando, endurecidos pela idade e de pés inchados, são corpos bonitos, eróticos, vivos."

(Contardo Calligaris. http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2703200837.htm)

TEXTO II

"O **panteão** das tradições antigas resultou na interação dos dois princípios cósmicos universais: o masculino, representado pelo Pai Céu, e o feminino, personificado pela Mãe Terra. O casamento sagrado desses polos gerou formas energéticas secundárias, polarizadas pela influência das forças telúricas, cósmicas, planetárias e dos fenômenos da Natureza. Quando modeladas pela egrégora mental de um conjunto **racial**, tribal ou grupal, essas energias se manifestam como arquétipos divinos, imbuídos de características e atributos específicos e com apresentações e nomes que variam conforme o lugar de origem.
A existência e a sobrevivência dos arquétipos de determinado panteão dependem da intensidade com que são cultuados e da duração desse culto. Sem essa conexão e nutrição recíproca, as matrizes etéreas enfraquecem-se e acabam desaparecendo com o passar do tempo.
Apesar de as divindades dependerem da **egrégora** humana, elas não são mero fruto de nossa imaginação: são expressões reais de poderosos campos energéticos e vórtices de energia cósmica. Elas existem em uma realidade diferente do mundo tridimensional, chamada pelos xamãs de nagual ou "realidade incomum" (ou extrafísica), e têm o poder de existir e agir independentemente da vontade humana.

Esses centros de energia cósmica, sutis e inteligentes, denominados *divindades* (sejam elas deuses, vibrações originais, devas ou orixás), supervisionam o livre-arbítrio coletivo e auxiliam nas decisões toadas pelos indivíduos, dentro dos limites, valores e regras do ambiente ao qual pertencem. Isso significa que elas não interferem no livre-arbítrio, nem agem contra os interesses do agrupamento humano que as "criou" e que continua "alimentando-as" por meio de invocações, oferendas, cultos e rituais. Existe uma **necessidade** de intercâmbio energético permanente entre a origem e o resultado da criação, entre o criador e a criatura.

Uma divindade deixará de existir apenas quando não tiver mais nenhum ser humano que invoque sua presença ou acredite em sua existência. Quando isso ocorrer, o capo energético por ela representado não se **extingue** no espaço, mas se desloca ou volta à sua origem, podendo servir como substrato para a criação de um novo arquétipo, em lugar ou tempo diferente.

Os deuses e as deusas não são arquétipos estáticos, eles evoluem e se **modificam** de acordo com o progresso cultural e tecnológico e a trajetória espiritual humana. As mudanças na percepção e interpretação de suas manifestações e a compreensão expandida de seus atributos e funções levam à readaptação dos mitos e a sua **adaptação** às novas necessidades mentais, psicológicas e sociais da comunidade à qual pertencem. São as **projeções** e as formas mentais **humanas** que determinam a "metamorfose" das divindades, que acompanham, de maneira simbiótica, o desenvolvimento de seu povo e o surgimento de novos valores e **hábitos** comportamentais, morais e sociais. Compreende-se, assim, o porquê das diferenças nos mitos de um mesmo deus ou deusa e os variados nomes a eles atribuídos."

(Mirella Faur. *Mistérios Nórdicos*, pp. 53-54, citado em BARBOSA JÚNIOR, Ademir. x*irê: orikais – canto de amor aos orixás*. São Paulo: Limão Doce, 2010, pp. 9-10).

TEXTO III

"O assunto é bem diferente para a criança. Em primeiro lugar, ela não encontra alívio para as dores do ciúme numa **relação** boa como a que os pais podem ter entre eles. Em segundo

lugar, todas as crianças têm **ciúmes**, senão dos pais, então dos privilégios que eles **gozam** como adultos. Quando o cuidado terno e amoroso do pai do mesmo sexo não é bastante forte para **formar** laços positivos mais importantes com a criança **edípica**, naturalmente ciumenta, e com isso colocar o processo de identificação trabalhando contra esse ciúme, então este domina a vida emocional da criança. Como uma **madrasta** (mãe) narcisista é uma **figura inadequada** para se relacionar ou se **identificar** com Branca de Neve se esta fosse uma **criança** real não poderia deixar de ter intensos ciúmes da mãe e de todas suas vantagens e poderes."

(BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 243. Tradução: Arlene Caetano.)

RESPOSTAS

TEXTO I

1. quar-to
2. pro-ble-má-tico
3. di-vór-cios
4. pro-i-bi-ri-am
5. con-des-cen-den-tes
6. con-vi-ver
7. es-ses
8. es-te-jam
9.a-do-les-cen-tes
10. mes-qui-nhez

TEXTO II

1. pan-te-ão
2. ra-ci-al
3. e-gré-go-ra
4. ne-ces-si-da-de

5. ex-tin-gue
6. mo-di-fi-cam
7. a-dap-ta-ção
8. pro-je-ções
9. hu-ma-nas
10. há-bi-to

TEXTO III

1. re-la-ção
2. ci-ú-mes
3. go-zam
4. for-mar
5. e-dí-pi-ca
6. ma-dras-ta
7. fi-gu-ra
8. i-na-de-qua-da
9. i-den-ti-fi-car
10. cri-an-ça

12. SÍNTESE

H	
Início de palavra: ver etimologia.	hábito, homem, hora
Meio da palavra: com CH, LH, NH e depois do hífen.	achar, filha, ninho, super-homem. <u>Observe:</u> desumano, reaver, lobisomem
Final de palavra: em interjeições.	Ah! Oh!

E/I	
Verbos em -UIR: final em -UI, -UIS.	intuir – intui, intuis diminuir – diminui, diminuis Observe: destruir – destrói, destróis
Verbos em -OAR, -UAR: final em -E, -ES.	doar – doe, does recuar – recue, recues
Verbos em -EAR: final em -EIO, -EIAS etc.	arrear – arreio, arreias
Verbos em -IAR: final em -IO, -IAS etc.	avaliar – avalio, avalias
Observe (exceções):	
mediar, ansiar, remediar, incendiar, odiar: -E antes do I nas formas rizotônicas	medeio, anseias, remedeias, incendeio, odeias
Verbo em -EIAR.	veiar (caso único)

CH/X	
Após ditongo: X.	caixa, faixa, peixe, desleixo
Após inicial ME: X em quase todas as ocorrências.	mexerica, mexicano
Após inicial EN: X em quase todas as ocorrências.	enxada, enxergar
	Observe (exceções):
	a) encher e enchova (bem como os respectivos derivados; b) derivados de palavras com CH (charco: encharcar; chumbo: enchumbar).
Depois de RE: CH em quase todas as ocorrências.	brechó, trecho, rechonchuda.

O/U	
U final: palavras sempre oxítonas.	caju, gabiru, urubu
-ULO e -ULA: ocorrência em diminutivos eruditos.	película, versículo
O OU por vezes se alterna com OI, em especial antes de R.	coisa/cousa; loira/loura

C, Ç, S, SS, SC, X	
Após ditongo: C, Ç ou X.	foice, louçã, trouxa
Formas de ter e seus derivados: TENÇÃO.	abstenção, manutenção, retenção
Algumas terminações: -AÇA, -AÇO, -AÇÃO, -ECER, -IÇA, -IÇO, -NÇA, -UÇA e -UÇO.	Caraça, balaço, expedição, envelhecer, carniça, enfermiço, esperança, dentuça, soluço
Grupos em IST, UST, -ENSE: S.	misto, justapor, amazonense
Primitivo ND: Derivado NS	estender: extensão
Primitivo RG: Derivado RS	imergir: imersão
Primitivo RT: Derivado RS	divertir: diversão
Primitivo PEL: Derivado PULS	impelir: impulso
Primitivo CORR: Derivado CURS	percorrer: percurso
Primitivo CED: Derivado CESS	ceder: cessão
Primitivo GRED: Derivado GRESS	progredir: progresso
Primitivo PRIM: Derivado PRESS	reprimir: repressão
Primitivo ITIR, UTIR: Derivado ISSÃO, USSÃO	demitir: demissão repercutir: repercussão

G/J	
Final com som "GEM": G em quase todas as ocorrências.	bagagem, ferrugem, viagem Observe: lambujem, pajem, viajem (verbo)
Final com som "AJE": J em quase todas as ocorrências.	laje, ultraje
Palavra derivada: mantem o G ou o J da palavra primitiva.	ferrugem: ferruginoso laranja: laranjeira
Depois de inicial A: G em quase todas as ocorrências.	agenda, agente, agitar
Palavras de origem africana ou indígena: J.	canjica, jiló, jirau, Olubajé, pajé, Observe (exceção): Sergipe

Z/S/X	
Depois de ditongo: S.	causa, maisena
-S e -ESA: títulos nobiliárquicos e adjetivos pátrios e/ou de procedência.	marquês, princesa, cortês, burguês, inglês, inglesa.
-ISA: terminação que caracteriza formação de feminino. Observe (exceção): Quando o masculino termina em -IZ.	Sacerdotisa juíza
-ZINHO: diminutivos. Observe (exceção): Quando a palavra primitiva, no singular, terminar em S ou S seguida de vogal.	paizinho, avozinho, Mariazinha lápis – lapisinho; mesa – mesinha

Verbos querer, pôr e usar, bem como seus respectivos derivados: nunca se usa o Z.	quiseram, quiser, puserem, puser; usassem, usarem
-ISAR: verbos derivados de palavras com S.	avisar, dosar
-IZAR: verbos derivados de palavras sem S.	canalizar, dramatizar Observe (exceção): sifilizar
-OSO e -OSA: cheio de, com característica de.	gostoso, prazerosa
-EZ e -EZA: substantivos derivados de adjetivos.	surdez (surdo), baixeza (baixo)

13. HOMÔNIMOS E PARÔNIMOS

HOMÔNIMOS E PARÔNIMOS		
Homônimos	Vocábulos com pronúncias iguais, mas significados diferentes.	seção/secção (corte, setor), sessão (reunião), cessão (ato de ceder, concessão)
Parônimos	Vocábulos com pronúncias parecidas, mas significados diferentes.	cavaleiro (o que monta a cavalo) cavalheiro (gentil)

PORQUE, PORQUÊ, POR QUÊ E POR QUE		
Porque	Utilizado para causas e explicações. Pode ser empregado como sinônimo de pois.	Dormi porque estava cansado. Você o ama porque ele é rico?

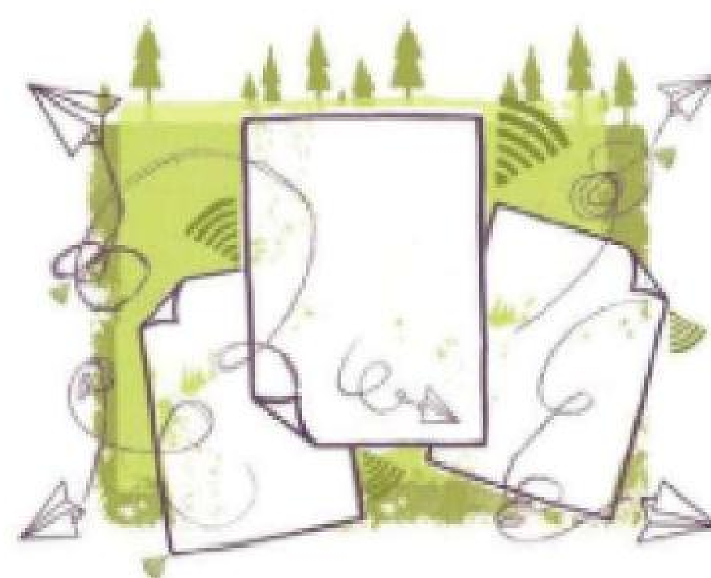
Porquê	Substantivo utilizado como sinônimo de motivo/razão.	Revelou o porquê do seu gesto.
Por quê	Utilizado antes de sinal de pontuação	Não veio nem disse por quê.
Por que	Sinônimo de por que motivo, por qual, pelo qual...	Por que você não veio? Sabemos a razão por que ela se foi.

GRAFIAS DE ALGUNS HOMÔNIMOS		
A baixo	Ao contrário de alto.	O risco na parede vai de alto a baixo.
Abaixo	Nos outros casos.	Os abaixos citados com-prometem-se a vir. Jogou a casa abaixo.
A cima	Ao contrário de baixo.	De baixo a cima, o prédio é só alegria.
Acima	Nos outros casos.	Seguiu ladeira acima.
Afim	Semelhante, igual.	Temos ideias afins.
A fim de	Para.	Escrevi a fim de ser compreendido
De baixo	Antônimo de de cima.	O que vem de baixo não me atinge.
Debaixo	Antônimo de em cima.	Está debaixo do armário.
Senão	Do contrário.	Faça a lição, senão não sairá.
	Mas sim.	Não faço outra coisa senão pensar em você.
	A não ser.	Ninguém senão a você mesma poderá resolver a questão.
Se não	Nos outros casos.	Se não formos lá, não saberemos Se não, você vai ver.
Tampouco	Também não.	Não ama, tampouco odeia.
Tão pouco	Muito pouco.	Joga tão pouco!

ALGUNS HOMÔNIMOS E PARÔNIMOS	
Acender	Atear fogo, ligar
Ascender	Subir
Acerca de	A respeito de, sobre
Cerca de	Aproximadamente
Há cerca de	Há aproximadamente (tempo)
Arrear	Pôr arreios
Arriar	Abaixar
Caçar	Perseguir, pegar
Cassar	Anular
Cela	Cômodo para dormir, de prisão, mosteiro
Sela	Arreio
Censo	Recenseamento
Senso	Discernimento
Cerração	Nevoeiro intenso
Serração	Ato de serrar, corte
Cheque	Ordem de pagamento
Xeque	Lance de xadrez; risco; soberano
Comprimento	Extensão
Cumprimento	Saudação; realização
Conjectura/conjetura	Hipótese
Conjuntura	Circunstância, situação
Concerto	Acordo; sessão musical
Conserto	Reparo
Coser	Costurar
Cozer	Cozinhar
Descrição	Ato de descrever
Discrição	Qualidade de discreto
Despensa	Local onde se guardam mantimentos
Dispensa	Isenção, licença
Despercebido	Não percebido
Desapercebido	Desprovido
Emergir	Vir à tona
Imergir	Afundar, mergulhar
Emigrar	Sair de um país
Imigrar	Entrar num país

Eminente	Célebre, respeitável
Iminente	Prestes a acontecer
Estada	Tempo de permanência de pessoa
Estadia	Tempo de permanência de veículo
Flagrante	Ato de flagrar; evidente
Fragrante	Perfumado
Fluir	Correr
Fruir	Aproveitar, Desfrutar
História	Narrativa documental
Estória	Narrativa ficcional
Imoral	Contra a moral
Amoral	Indiferente à moral, sem moral
Infligir	Aplicar castigo ou pena.
infringir	Transgredir
Mal	Antônimo de bem; assim que
Mau	Antônimo de bom
Mandado	Ordem judicial
Mandato	Missão, duração do exercício de cargo
Precedente	Antecedente
Procedente	Proveniente, originário
Previdência	Antevidência; sistema
Providência	Medida; intervenção divina
Ratificar	Concordar, assinar
Retificar	Corrigir
Ruço	Desbotado; nevoeiro
Russo	De origem russa
Sobrescrever	Endereçar, escrever sobre
Subscrever	Assinar
Sustar	Interromper
Suster	Reprimir, sustentar
Tachar	Acusar, censurar
Taxar	Estipular, qualificar, tributar
Tráfego	Trânsito
Tráfico	Comércio lícito ou ilícito
Vultoso	Volumoso
Vultuoso	Com rubor na face

Você sabia...



O papel é **sustentável**, reciclável, biodegradável. No Brasil se **recicla** 67% do **papel** consumido[1].

Fabricar papel **não prejudica** matas nativas. **100% do papel** fabricado no Brasil vem de **árvores plantadas** para este fim[2].





Todos os dias no Brasil são **plantados** o equivalente a cerca de **500 novos campos de futebol de florestas** para a produção de papel e outros produtos[2].

O Brasil tem **7,8 milhões** de hectares de **florestas plantadas**. As indústrias que usam essas árvores **conservam** outras 5,6 milhões de hectares de **matas nativas**[2].



Há ótimas razões para
você #AmarPapel
Descubra mais em
twosides.org.br



[1]ANAP, 2018 - [2]IBÁ, 2018.

Acesse **www.twosides.org.br** e descubra porque **imprimir é sustentável**!